

Com a criação, em 1985, do Doutorado em Literatura Comparada, de caráter interdepartamental, os estudos de teoria da literatura recebem novo impulso, ampliando-se o pólo de interesse da disciplina para uma reflexão preferencialmente histórica e cultural. O curso contribuiu ainda para a formalização e sistematização de uma realidade existente na Faculdade de Letras, historicamente praticada nos setores de literaturas nacionais e estrangeiras e de teoria da literatura: a interdisciplinaridade, a recepção e releitura de teorias e literaturas estrangeiras e a questão sobre a dependência cultural. Incentiva-se, dessa maneira, a relação interdepartamental, uma vez que o doutorado contempla uma gama diferenciada de interesses ligados às diferentes literaturas, bem como o convívio interdisciplinar com outras áreas de conhecimento, solicitadas a participar igualmente do curso.

O meu percurso teórico e acadêmico mais recente está intimamente vinculado à implantação, na FALE, do Doutorado em Literatura Comparada e ao desenvolvimento verificado na disciplina nos últimos anos. O gradativo avanço de uma reflexão comparativista entre nós deve-se, em grande parte, ao esforço conjunto de seu corpo docente e do Colegiado da Pós-Graduação, levando-se ainda em conta que o caráter interdisciplinar do curso contribuiu muito para a completa efetivação de um projeto pensado coletivamente.

No biênio 1988-1990, presidi a Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), com sede na UFMG. A diretoria contou com a presença de professores da UFMG e da USP, intercâmbio que reverteu em lucro para as duas instituições, pelo estreitamento de laços acadêmicos entre nós.

## **RUA CARANGOLA, 288**

Na época em que iniciei meus estudos de graduação — Português e Inglês — na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, o ensino da literatura, com algumas exceções,

começava a se desvencilhar dos métodos historicistas até então dominantes. O curso de teoria da literatura, ministrado por Maria Luiza Ramos, nos idos de 1963, era aquele que mais novidade trazia, não apenas pela natureza da abordagem crítica, baseada na análise intrínseca da obra literária, como também pelo misto de entusiasmo e rigor manifestado na transmissão da matéria.

As disciplinas literatura inglesa e literatura portuguesa, respectivamente sob a responsabilidade de Solange Ribeiro de Oliveira e Naief Sáfady, foram igualmente relevantes para a história de minha iniciação literária. Trabalhando operacionalmente com o texto literário, numa perspectiva mais temática — e, no caso da literatura portuguesa, respondendo pela defesa da função humanista da literatura — a tendência comum a essas disciplinas era a de se esquivar da rigidez do método historiográfico. A literatura brasileira, ao contrário, norteava seu ensino por critérios que reiteravam a visão tradicional da história literária, embora apresentasse certa abertura para os estudos imanentistas do texto. Em termos gerais, o ensino da literatura na Faculdade de Filosofia era realizado através de várias abordagens analíticas, das quais sobressaíam a fenomenológica, a estilística e a temática.

A teoria da literatura, nos anos 60, ganhava espaço no currículo de Letras do país, por iniciar nova reflexão crítica sobre a literatura, o que colocava a disciplina em posição de destaque entre as outras. Com o avanço dos estudos de ordem sincrônica, iniciados pela lingüística, e o conseqüente rompimento com a pesquisa diacrônica, o texto literário é interpretado na sua autonomia e especificidade. A teoria da literatura passa a ser considerada *ciência da literatura*, disciplina que se encarrega de demonstrar as leis e processos que regem o texto literário e, para tal, formula e elabora métodos, categorias e conceitos próprios. Junto às mais notáveis correntes de crítica do século XX — tais como o formalismo russo, o estruturalismo de Praga, o new criticism anglo-saxão e a estilística — a fenomenologia de Husserl nos chega pelas mãos de Maria Luiza Ramos, responsável pela reelaboração e divulgação, entre nós, de seus pressupostos teóricos. Adaptada à análise da obra literária pelo romeno Ingarden e

divulgada, no livro *Teoria da Literatura*, por Wellek e Warren, a fenomenologia se expande nos cursos de Letras do país, graças à publicação, em 1969, da *Fenomenologia da Obra Literária*, de Maria Luiza Ramos.

O objeto literário é examinado no seu sistema complexo de *estratos*, camadas de significação superpostas que são detectadas com o emprego do instrumental metodológico fornecido pela fenomenologia. Operando de forma estrutural na interpretação do texto, o método realiza a decomposição e recomposição de seus elementos internos, movimento que aponta para a tendência comum aos outros procedimentos de abordagem intrínseca da literatura.

Essa prática permite aglutinar textos de diferentes nacionalidades, impulsionando, assim, o trânsito livre da teoria da literatura. Ao romper com as barreiras contextuais das obras e considerá-las na sua natureza estética, privilegia as semelhanças de ordem formal que desembocam na concepção universalista da obra de arte literária. O reflexo dessas transformações no estudo da literatura comparada contribuiu igualmente para o repúdio da abordagem historicista e a defesa de categorias universais com base em critérios de ordem estética.

Wellek nos fornece o exemplo mais evidente da articulação entre o conceito de *literariedade* e de *universalidade*, ao considerar a obra literária no seu caráter ontológico, humanista e essencialista, desvinculando-a de sua particularidade histórica:

Uma vez que captemos a natureza da arte e da poesia, sua vitória sobre a mortalidade e o destino humanos, sua criação de um novo mundo da imaginação, as vaidades nacionais desaparecerão. Surge o homem, o homem universal, o homem de toda parte e de qualquer tempo, em toda a sua variedade, e a erudição literária deixa de ser um passatempo de antiqüário, um cálculo de créditos e débitos nacionais e mesmo um mapeamento de redes de relações.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> WELLEK. A crise da Literatura Comparada, p.255.

Essa posição assumida por Wellek — e por vários representantes da crítica literária de base ontológica e essencialista — tem o mérito de denunciar a falsa consistência dos métodos anteriores, embora apresente limitações, de que não escapa nenhum saber. A corrente de natureza sociológica constituída no Brasil por teóricos ligados à USP e tendo Antonio Candido como principal representante, consegue reunir a pesquisa histórica e sociológica ao exame minucioso do texto literário. Nessa perspectiva, são retomadas as "lições esquecidas" dos formalistas russos, como as de Tynianov,<sup>4</sup> com o objetivo de apontar para a relação entre a série literária e a social, pautada pela articulação da ordem sincrônica com a diacrônica.

No ambiente teórico em que me formei, o clima anti-historicista representou, simultaneamente, um avanço e um recuo para as pesquisas literárias. Essa contradição ressoa ainda entre nós, no debate intelectual, em que se verificam resistências frente à necessidade de refletir sobre a literatura e a teoria de um ponto de vista que considere devidamente os aspectos cultural e histórico.

No início dos anos 70, os estudos estruturalistas começam a ganhar vulto e data dessa época meu interesse pelas publicações de teóricos franceses que se dedicavam aos princípios de funcionamento das estruturas narrativas, como Barthes, Todorov, Kristeva, entre outros. Com Marília Rothier Cardoso, colega do Setor de Literatura Brasileira, iniciei na UFMG a pesquisa desses autores, com o objetivo de tornar mais didática a análise do texto literário. A utilização de quadros, figuras e gráficos nos permitia a transmissão mais sistemática da estrutura textual, reiterando o caráter "científico" dos métodos de abordagem.

Em 1969 entrei em contato com os estudos de semântica estrutural, através do curso oferecido na FALE/UFMG por Bernard Pottier, da Universidade de Paris. A dificuldade que sempre tive com as pesquisas de natureza lingüística me deixou ao mesmo tempo desanimada e atraída por esse novo tipo de abordagem textual. Mais tarde, em 1970, iria me dedicar ao estudo da

---

<sup>4</sup> Cf. TYNIANOV. Da evolução literária.

semântica estrutural de Greimas, que apresentava o *modelo actancial*, baseado nas estruturas morfológicas de Propp e no modelo dramático de Souriau. Pude então praticar exercícios de leitura da narrativa com a ajuda desse modelo. Mas o procedimento também se tornou inoperante, quando percebemos que a estrutura de um poema, de um conto ou mesmo de uma notícia de jornal era reduzida a um modelo que apagava as diferenças contextuais e, principalmente, as do discurso.

Tomamos conhecimento da publicação do número 8 da Revista *Communications*, editada em 1966, e composta de artigos que versavam sobre a narrativa crítica, filmica, jornalística e literária, assinados por Barthes, Todorov, Bremond, entre outros. O conhecido artigo de Barthes, "Introdução à Análise Estrutural da Narrativa", abre o volume e desenvolve um modelo de narrativa única e universal, baseado nos elementos formadores de sua estrutura interna. Como se percebe, é fácil estabelecer a aproximação das análises estruturalistas da narrativa, realizadas pelos teóricos franceses, com o método morfológico de Propp, que, na *Morfologia do Conto*, defende o caráter universal e imutável das formas narrativas. Essa aproximação será mais tarde entendida por mim, ao iniciar, no Mestrado, os estudos da obra de Lévi-Strauss.

É importante ainda ressaltar que as leituras da crítica brasileira se voltavam, nessa época, para as publicações das editoras Vozes e Perspectiva, divulgadoras do que havia de novidade no campo da pesquisa estruturalista: traduções de textos de teóricos europeus (Todorov, Kristeva, Barthes, Eco), exercícios de semântica estrutural em narrativas contemporâneas e análises semióticas de textos de cultura de massa.

O primeiro ensaio que publico, em 1972, enfoca a estrutura de "A Construção", de Chico Buarque de Holanda, com base nas leituras que estava realizando. Descrevendo a organização interna do texto e sua estrutura circular, fiquei seduzida por essa construção em abismo e terminei por efetuar uma paráfrase do poema:

O homem desestrutura a linguagem e essa desestruturação reflete a tomada de posição diante da realidade. A associação de idéias se faz de maneira ilógica, demonstrando, ao contrário, a conquista da significação real daquilo que antes não dominava: desestruturar a linguagem é conquistá-la.<sup>5</sup>

Este trabalho provocou reações na imprensa — especificamente na pessoa de uma colaboradora do jornal *Estado de Minas*, que publicou, ao lado do meu artigo, suas impressões sobre o texto de Chico Buarque. Essa atitude demonstrava a repulsa pela crítica universitária, a qual invadia o campo da cultura de massa com sua linguagem específica e seu discurso especulativo. A polêmica iria se acirrar nos anos seguintes, evidenciando a distância entre a produção crítica da universidade e a crítica jornalística. A crítica literária dessa época, interessada em construir cientificamente seu objeto e obrigada a cumprir as exigências acadêmicas dos trabalhos de tese, convive de forma contraditória com a excelência de sua produção e a dificuldade em torná-la acessível à comunidade. Só nos anos 80 é que a situação começará a se reverter, com as mudanças processadas na crítica literária, inspiradas por várias razões de ordem cultural e principalmente pela transformação verificada no interior de sua própria linguagem.

No entanto, a publicação do artigo atingiu um objetivo de ordem pessoal que se reflete no meu projeto acadêmico e no percurso que tento agora recompor: a obsessão pela construção e desmontagem de textos, pela estrutura em abismo que inspira este documento da memória e que debruça, narcisicamente, sobre si próprio. Apenas uma diferença se instala entre a afirmação citada sobre o texto da *Construção*: desestruturar a linguagem não significa sua conquista, mas a desconfiança constante de estarmos sempre construindo palavras sobre palavras.

---

<sup>5</sup> SOUZA. Estragando o sábado, p.10.